

A RESSIGNIFICAÇÃO DA MORTE PELO HUMOR EM *CHÁ DE SUMIÇO E OUTROS POEMAS ASSOMBRADOS*, DE ANDRÉ RICARDO AGUIAR

ANGELINA SILVA DE FARIAS*

AGDA FERNANDA M. S. DE OLIVEIRA**

DANIELA MARIA SEGABINAZI***

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a presença da morte em quatro poemas da obra *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (2013), de André Ricardo Aguiar. Nesse sentido, foi realizada uma análise sobre os elementos que envolvem o medo com o uso do recurso humorístico. Para dar suporte à análise, foram utilizados textos de Freud ([1905] 1995), Todorov (1980), Travaglia (1992; 1980), Candido (1995), Hunt (2010), entre outros. Como resultados, observamos que na poesia de André Ricardo Aguiar há um processo de ressignificação que acontece por meio de um elaborado trabalho que aponta para um refinado humor.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. André Ricardo Aguiar. *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*. Humor.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. Especialista em Língua, Linguagem e Literatura (CINTEP). Graduada em Letras – Língua Portuguesa (UFPB), e-mail: angelinalina633@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0661-2721>

** Graduada em Letras Português/Italiano pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Brasil. Graduada em Pedagogia (UNIOESTE), e-mail: agdafermandabr@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8361-2592>

*** Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. Pós-doutorado em Educação (UNESP-Presidente Prudente/SP). Graduada em Letras e Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), e-mail: dani.segabinazi@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5344-775X>

1 INTRODUÇÃO

O riso ou a morte; é um pouco o dilema do mundo contemporâneo, depois de ter esgotado todas as justificativas sérias da vida.

Georges Minois

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da morte a partir de jogos de linguagem, chistes e trocadilhos que circundam a obra *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (2013), de André Ricardo Aguiar. O livro é composto por vinte e cinco poemas para crianças, porém foram selecionados para análise quatro deles, os quais correspondem ao referido tema. A dor e o sofrimento que orbitam em torno da morte é inegável. Contudo, mesmo um tema como esse pode ser tratado pelo viés do humor. Assim, sob essa perspectiva, o humor, inclusive na literatura, funcionaria como:

[...] um meio, um caminho, um instrumento, uma arma usada em todas as sociedades para descobrir (através da análise crítica do homem e da vida) e revelar verdades escondidas e falsificadas, permitindo uma visão especial da vida, uma nova visão do mundo pela transposição de conceitos, uma aplicação dos contatos com nossas realidades. (TRAVAGLIA, 1989, p. 67)

A morte é um dos temas sensíveis que são evitados, principalmente para crianças. Segundo Maranhão (1985, p. 10), são ocultados “sistematicamente a morte e os mortos, guardando silêncio diante de suas interrogações”. Desse modo, apresentar uma literatura que permita tratar o tema de forma leve e bem-humorada, indubitavelmente, alça possibilidades para desconstruir e para fazer com que a criança possa se familiarizar com a morte. Outra possibilidade é criar um espaço para auxiliar a criança no seu processo de perda; a consciência em relação à morte vai sendo construída à medida em que o sujeito tem experiências relacionadas à finitude da vida.

Levando em consideração a importância de se trabalhar a temática da morte, selecionamos como *corpus* poemas da literatura infantil através dos quais procuramos analisar como a morte é retratada a partir de recursos técnico-composicionais com a presença do humor, possibilitando a transformação de um tema mórbido em riso.

2 APRESENTANDO O AUTOR QUE RESSIGNIFICA A MORTE EM HUMOR

André Ricardo Aguiar¹ constrói o livro *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (2013), destinado ao público infantil, tendo como mote o medo de assombração. Nesse universo, a morte, em certa medida, se faz presente. Nessa obra, o autor propõe um processo de ressignificação aos personagens assombrados e propicia ao leitor uma imagem distinta da habitual através do susto/riso a cada poema lido.

Publicado por uma editora de dimensão nacional, o livro conseguiu respaldo, sendo contemplado em programas do governo (PNBE e PNAIC), e ainda alcançou indicação ao prêmio de nível internacional. Outro elemento importante dessa obra é o diálogo com as ilustrações: a cumplicidade do texto poético caminha de mãos dadas ao projeto gráfico, com o traço de Luyse Costa, ilustradora pessoense, dando vida e enriquecendo a leitura através dos traços e das cores².

Chá de sumiço e outros poemas assombrados (2013), são poemas em prosa, narrativos, curtos, com personagens de terror, vampiros, morcegos, almas penadas, coveiros, bichos papões, cada um com suas pequenas

¹ Nascido em 1969, na cidade de Itabaiana, André Ricardo Aguiar chega ainda criança a João Pessoa e, posteriormente, inicia seus estudos e suas escritas, tornando-se contista, cronista e poeta. É autor de livros infantis, juvenis e adultos, colaborador de suplementos jornalísticos, revistas, antologias, e participante de ações vinculadas ao incentivo à leitura.

² Lembramos, aqui, de uma das frases mais conhecidas de Lewis Carroll: “De que serve um livro sem figuras nem diálogos?”. Ou, ainda, Peter Hunt (2010, p. 240), quando aponta que: “[...] para as crianças menores de onze anos, as palavras são necessárias para explicar as imagens e seqüências”, e que “estudos sobre preferências infantis tendem a mostrar que elas apreciam imagens realistas, estilizadas, quase abstratas e caricaturais, desde que haja unidade entre história e a imagem”.

aflições e dilemas diários. A obra traz às figuras fantasmagóricas caráter de gente, e também poesia, em estilo marcante, múltiplice, através da qual questiona os medos infantis, revertendo-os em pleno humor. Esse livro provoca arrepios prazerosos, em vez de amedrontadores. O jogar com as palavras permite uma síntese de situações de terror e, inclusive a morte, em agradáveis jogos de linguagem.

3 A MORTE NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A morte não é um tema simples a ser discutido, porém é fundamental para entendermos o processo da vida. Essa temática pode ser abordada através de vários textos objetivos e artísticos, como pinturas, cinema, grafite, música, fotografias, danças, HQs etc. Tais elementos artísticos e literários desenvolvem a relação do universo de informações sobre a humanidade e o mundo. Conforme Correia (2013), o tema da morte já estava presente nos “Contos de Fadas de grandes autores como Andersen, Perrault e os Irmãos Grimm. Quem não se lembra do famoso *Chapeuzinho Vermelho* em que, em diversas versões, já aparecia a morte ou da ‘Avó’ ou do ‘Lobo Mau’?!” (CORREIA, 2013, p. 42). Ao falarmos de algo que é considerado bastante complexo, sendo um tabu para parte da sociedade brasileira, temos o objetivo de fazer uma reflexão sobre a morte e sua essencialidade para entendermos o processo da vida.

Por mais que, ao abordarmos questões relativas à morte, possa causar tristeza, sentimentos de angústia e de ansiedade, é importante falar sobre ela de forma aberta e honesta com as crianças. Conforme Maranhão (1985), a sociedade em que vivemos atualmente está completamente governada pela produtividade e pelo progresso. A morte é deixada de lado, falando-se dela o mínimo possível. Quando esse elemento é colocado em cena, utiliza-se de eufemismos para mascarar sua presença. Nesse sentido, Mendes (2013) acentua que

[...] falar de morte às crianças continua a ser uma das principais preocupações de pais, professores e outros agentes educativos que frequen-

tes vezes têm de dar resposta a perguntas difíceis dos mais novos sobre o que é a morte, se há vida para além dela e o que acontece às pessoas que morreram. Confusos e desorientados, muitos adultos refugiam-se na não-resposta ou em respostas de carácter evasivo, eufemístico, metafórico e simbólico, alegando frequentemente que a morte é um estado de profundo adormecimento e que a pessoa que morreu foi para o céu, que se transformou numa estrela ou num anjo, numa explicação que se inscreve claramente na tradição judaico-cristã. (MENDES, 2013, p. 1114)

Embora a criança se depare com a morte por meio de noticiários que falam sobre guerras, acidentes e epidemias, segundo Abramovich (2006, p. 111) trata-se de um “tema pouco explorado, como se as pessoas temessem tocar nele, como se a morte não fizesse parte da vida, como se a criança não se defrontasse com ela”.

Tal posicionamento pode dificultar a compreensão do desprendimento que faz parte de um ciclo natural. Ao colocarmos a morte de lado, fechando-a em uma caixa, colaboramos para alta voltagem de sofrimento no momento da perda, sendo um confronto que, de algum modo, mais cedo ou mais tarde ocorrerá.

Para Maranhão (1985, p. 61), é necessário ter em mente a presença do desenlace da vida, pois “aceitá-lo, como destino metafísico, é uma das condições básicas para a humanização da vida e da morte”. Nessa perspectiva, a forma como compreendemos a morte fará com que ela se torne mais leve ou mais pesada. Assim, a literatura infanto-juvenil, ao tratar da morte, oportuniza um melhor encaminhamento para a gestão de conflitos, de medos e de sentimento de perda, como afirma Lottermann (2009, p. 4):

No que diz respeito à morte de pessoas da família (pais, avós, irmãos), várias obras versam sobre a morte de pessoas idosas e, em algumas, há conversas entre adultos e crianças nas quais se procura enfatizar a noção de morte como parte integrante da vida, e de que todos os seres vivos morrem. Essas conversas, sempre difíceis, refletem a visão filosófico-religiosa de adultos que repassam para a criança seus valores/crenças.

É importante levar a criança a refletir sobre questões da existência humana, preparando-a para lidar com situações reais, sem se esquivar das perguntas, fingindo que elas não existem. Abramovich (2006, p. 98) critica essa forma evasiva de se lidar com o tema,

[...] ou, colocando num parágrafo, cheio de evasivas, mil explicações, às vezes até confusas ou atabalhoadas, não dando nem tempo para que a criança leitora pense, elabore, resolva, se identifique, concorde, critique.

A não repressão dos sentimentos contribui para um desenvolvimento emocional mais maduro. E a literatura como meio de comunicação, ao abordar temas que fazem parte da realidade humana, demanda explorar os mais diversos temas da vida em geral, até mesmo vivências negativas, que, além de informar, trarão experiências sobre a realidade social. Nessa perspectiva,

[...] ao falarmos dela [da morte] podemos fortalecer relações com os outros, valorizando mais a própria vida e aceitar o que esta nos reserva, e da qual não podemos fugir. (...) Os livros infantis que abordam estes temas dolorosos e complexos são sempre ferramentas úteis para superar momentos críticos da vida, como a morte (...) São temas, à primeira vista, de “gente crescida”, mas que passaram a fazer parte da realidade e do cotidiano de todas as crianças. (...). Poderá contribuir para uma nova percepção de como as crianças encaram a morte, a partir da literatura de potencial recepção infantil e, deste modo, ajudando-a a distanciar-se da sua própria dor, a expressar os seus sentimentos, dialogando, questionando, facilitando, assim, uma maior abertura para aquilo que a aflige. (QUESADO, 2011, p. 5)

O diálogo sobre a morte se faz necessário para que o processo de luto possa se realizar. O ocultamento de informações, a negação da realidade para proteger a criança pode provocar reações físicas e psíquicas, angústias, sentimentos profundos de solidão e desamparo. O humor, por sua vez, pode ser um elemento com poder de ressignificá-la.

4 A MORTE E SUA DESCONSTRUÇÃO POR MEIO DO HUMOR

Terry Eagleton, em seu livro *Humor: o papel fundamental do riso na cultura* (2020), destaca a concepção contextual e ampla da importância do humor, atravessando o tempo e o espaço, ao acompanhar a raça humana. O autor, ao se referir de forma analítica a esse elemento, nos diz que

[...] uma língua [é] composta por uma imensa variedade de dialetos: cacarejar, cachinar, grunhir, berrar, rugir, gritar, arquejar, tropejar, zurrar, ganir, bramir, piar, gargalhar, bufar, uivar, guinchar. É possível dar risadinhas, rir entredentes, em silêncio, sarcasticamente, nervosamente e assim por diante. O riso pode surgir em explosões, picos, tempestades, rajadas, ondulações ou torrentes, pode ser ensurdecedor, ressonante, fluido, serpenteante ou lancinante. Há também diferentes maneiras de sorrir, de modo radiante, malicioso, desdenhoso, aberto, lascivo ou simplório. (EAGLETON, 2020, p. 13)

O riso é uma expressão que pertence aos seres humanos, sendo assim, há fenômenos, gatilhos linguísticos que podem provocar o humor. Para que o efeito de sentido de um texto entre interlocutores seja ativado é imprescindível a existência do conhecimento de mundo dos interlocutores para dar sentido ao texto.

Para Travaglia (1995), existem outros elementos básicos que constituem os textos humorísticos, recursos que irão trabalhar com mais de uma possibilidade de leitura, que podem não ser percebidos pelo receptor, por conta dos condicionamentos. Tais condicionamentos podem fazer parte de recursos e mecanismos que atuam no funcionamento da língua (fonológicos, semânticos, textual, discursivos etc). Em paralelo, podem haver mecanismos operando na relação com o contexto social, histórico e ideológico do sujeito, uma vez que tais elementos cumprem um papel importante na produção do riso. A realidade em que o sujeito está inserido irá interferir na constituição do humor. É importante destacar que este estudo tem como propósito trabalhar na perspectiva do humor em paralelo com recursos linguísticos.

Nessa perspectiva apresentada por Eagleton (2020), podemos pensar no humor em seu diálogo, em sentido de ressignificação, com a morte, tendo em vista que:

Também há algo de prazeroso no ato de rir da morte e, assim, ser capaz de brincar com nossa própria mortalidade. Pois fazer piadas a respeito da morte é reduzir sua importância e diminuir seu terrível poder sobre nós. (EAGLETON, 2020, p. 18)

Será “o como” e não necessariamente “o que se diz” que fomentará o encanto, como também o humor e o riso na literatura. Desse modo, a temática da morte acaba sendo também bem-vinda. Nesse sentido, vale salientar que: “O humor faz pelos adultos o que as brincadeiras fazem pelas crianças” (EAGLETON, 2020, p. 25). Ao falar sobre a morte pelo aspecto evidenciado por Eagleton (2020), ou nesse retrabalhar pelo viés do humor, é interessante mencionar que, para ele: “o humor acontece, na maior parte dos casos, quando alguma breve perturbação de um mundo ordenado de significado afrouxa sua relação com o princípio da realidade” (EAGLETON, 2020, p. 77).

O mundo, em sua ordem, passa pelo crivo do autor (em estudo), e este, por sua vez, promove um deslocamento ao tirar as personagens de um lugar-comum e colocá-las em outro novo. Os temas do universo do medo, da morte, ao passo que são retrabalhados, adquirem um novo viés, que é o do humor. Com o manuseio da linguagem, da palavra, com a sutileza das alterações que podem também ser vistas como breve perturbação, assim como diz Eagleton (2020), nos deparamos com um humor que, até então, nessas histórias não existia. Outro ponto que pode determinar a presença do humor são situações que apresentam uma quebra na expectativa ou quando algo foge de roteiro, daquilo que é esperado.

O humor também foi estudado por Sigmund Freud, na obra *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Nesse estudo, é possível acessar a concepção do chiste, e este, sendo concebido, por sua vez, como um dito espirituoso (e que se aproxima em grande medida ao conceito dos

trocadilhos) e nos deparamos com a farta presença desse elemento no livro *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (2013). Os ditos espirituosos, com duplos sentidos de linguagem, visando o humor, geram o chiste. Também pode ser visto como um gracejo envolvendo palavras que predisõem de inteligência para sua construção. Trata-se, em suma, de uma construção que envolve palavras, e requer inteligência, pois as coloca em relação ao trabalhar com a linguagem.

Ainda em Freud ([1905] 1995), temos a presença de duas tipologias principais (dos chistes): os de pensamento e os de palavra. O primeiro ligado a sofismas, paralogismos, o uso em sua lógica com a linguagem. O segundo tipo lida com as palavras, deformando a linguagem para a produção de determinados efeitos. Após essa categorização, Freud ([1905] 1995) segue realizando várias outras, e são infinitas. Dentre elas, as dos chistes amenos e os propositais. Os amenos são aqueles que produzem um riso com leveza, já os propositais estão voltados à criação de humor próximo à piada com a dimensão de gargalhada. Nesse sentido, acreditamos que o efeito presente na obra em estudo, sob a concepção de chistes, é o do efeito do riso ameno. Assim como expõe o pai da Psicanálise, temos alguns dos chistes enumerados por ele, e tendo em vista que são infinitos, e ao mesmo tempo complementares em alguns casos, ele sinaliza e mostra, como podemos observar no excerto a seguir:

[...] grande número de diferentes técnicas de chiste [...] I - Condensação:(a) com formação de palavra composta;(b) com modificação. II - Múltiplo uso do mesmo material:(c) como um todo e suas partes;(d) em ordem diferente;(e) com leve modificação;(f) com sentido pleno e sentido esvaziado. III Duplo sentido:(g) significado como um nome e como uma coisa;(h) significados metafóricos e literal;(i) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras);(j) *double entendre*;(k) duplo sentido com uma alusão. Essa variedade e esse número de técnicas têm um efeito desconcertante. Pode fazer nos sentir perturbados por nos devotarmos à consideração dos métodos técnicos dos chistes, tanto como pode despertar-nos a suspeita de que afinal exageramos a importância destes como meio de descobrir a na-

tureza essencial dos chistes. Se pelo menos essa conveniente suspeita não fosse contraditada pelo fato incontestável de que o chiste invariavelmente desaparece tão logo eliminamos de sua forma de expressão a operação destas técnicas! Portanto, a despeito de tudo, somos levados a procurar a unidade nesta multiplicidade. (FREUD, [1905] 1995, p. 27-28)

Os constituintes dos chistes, a exemplo dos trocadilhos, são duplo sentido, jogo de palavras, diversos exemplos, e os seus tipos, os quais expusemos anteriormente, podendo ser destacados os extremos entre os leves e os propositais. O chiste tem sua origem na língua alemã, que significa “gracejo”, sendo considerado por Freud ([1905], 1995) como uma espécie de alívio do inconsciente, que revela de maneira humorística aquilo que de fato, por vezes, escondemos ou desejamos esconder.

Ao pensarmos a obra de André Aguiar (2013), em exemplos sobre os poemas, podemos já sinalizar a presença do chiste de nível leve, de efeito ameno, aquele por meio do qual o riso é discretamente acionado. Quando temos uma Lua que deve ou que pode ir minguar no cemitério e, na atmosfera criada pelo autor, ela vai para lá, pois, como ela não tem onde cair morta, lá é o lugar mais indicado para aqueles que estão findando. Ao brincar com a expressão “não ter onde cair morto(a)”, está sendo colocada num contexto de cemitério, provoca a jocosidade no cenário.

Do mesmo modo, em “O morto vivo”, temos a figura de um morto que fala e que traz uma expressão popular, o famoso “ó de casa”, e que quer ter notícias da família, que segundo ele deve estar “mortinha de saudade”. Assim, a leveza desse diminutivo “inha” contribui para que mais uma vez o ambiente fúnebre do cemitério adquira um viés humorado, e não de horror. Isso se repete em “último conselho”, “fingir-se de morto”, sendo um morto, é trazer duplicidade para uma expressão conhecida, é trocar o sentido do que compõe a palavra, e isso numa linguagem que traz o humorístico, justamente esse que circunda a produção do paraibano, que preza pelo humor, pelo cômico. Em se tratando da literatura e de cautela pela construção das palavras, vale salientar que, de acordo com Freud ([1905] 1995, p. 09):

A primeira impressão derivada da literatura é que é bem impraticável tratar os chistes, a não ser em conexão com o cômico. [...] o chiste deve, sem dúvida, ser atribuído à formação da palavra e às características da palavra assim formada.

Freud ([1905] 1995) também contribui no sentido de apontar que:

[...] as crianças, ainda acostumadas a tratar as palavras como coisas tendem a esperar que palavras idênticas ou semelhantes tenham, subjacente, o mesmo sentido - fato que é fonte de muitos equívocos dos quais os adultos se riem. Se derivamos, portanto, inequívoco deleite dos chistes ao nos transportarmos de um a outro círculo de ideias, por vezes remoto, através do uso de palavra idêntica, ou semelhante [...], este deleite deve, sem dúvida, ser corretamente atribuído à economia na despesa psíquica. O prazer em um chiste, emergente de um tal 'curto-circuito', parece ser também maior quanto mais diferentes sejam os dois círculos de ideias conectados pela mesma palavra – quanto mais longe estejam, maior é a economia que o método técnico do chiste fornece ao curso do pensamento. Podemos também notar aqui que os chistes estão utilizando um método de conexão das coisas, rejeitado e cuidadosamente evitado pelo pensamento sério. (FREUD, [1905] 1995, p. 80)

Ainda a respeito da linguagem como principal elemento responsável pelo processo de (res)significar a morte em riso, trazemos outro filósofo, com um trabalho resultante da comunhão de três ensaios, intitulado: *O riso, ensaio sobre o significado do cômico* (2018), do francês Henri Bergson. O autor aborda o elemento humorístico e promove um resumo do pensamento filosófico sobre o humor, o riso etc. Um olhar atento, uma investigação do fenômeno do cômico, do porquê rimos, do quê rimos, demonstra que o humor (ou fazer humor) não é algo tão simples quanto imaginamos e, como esse elemento exige muita atenção para reverberar e para alcançar êxito, sendo inclusive mediado por várias referências, desde Aristóteles. Tudo isso está cercado por um viés em que as minúcias do estrutural da linguagem se constituem através de definições e de

exemplos. Bergson (2018) diz que é necessário distinguir sobre o cômico das palavras, entre o cômico que a linguagem expressa e o cômico que a linguagem cria. O segundo estaria ligado

[...] à estrutura da frase ou à escolha das palavras. Não se resume a constatar certas distrações particulares dos homens e dos acontecimentos com a ajuda da linguagem, sublinha as distrações da própria linguagem. É a própria linguagem que, deste modo torna-se cômica. (BERGSON, 2018, p. 82)

É justamente o trabalho com a linguagem que garante a existência dos chistes, do humor que os circunda, uma vez que, a exemplo da escolha das palavras, das expressões populares, refletem em grande medida que o dito espirituoso ganhe vida e alcance o desfecho do riso. Sem contar que em si tratando do gênero poesia, isso é duplamente importante, posto que é um gênero que se constrói com menos palavras para contar/narrar algo. Georges Minois, em seu livro *História do riso e do escárnio*, destaca que

[...] Bergson também estuda as diversas formas do cômico verbal, do trocadilho à paródia. É preciso reter, especialmente, suas definições de ironia e de humor, que ele concebe como termos opostos: a ironia consiste em falar do que deveria ser, fingindo crer que é o que é, e o humor trata que o que é como se fosse o que deveria ser. (MINOIS, 2003, p. 524)

Ao observarmos essa construção apontada por Minois (2003), depreendemos que a importância dada ao elemento cômico por Bergson (2018) contempla o humor no aspecto do verbal, ou seja, da palavra, da linguagem; assim sendo, ocorre, por conseguinte, a possibilidade de transformar “o que é como se fosse o que deveria ser”. Para além disso, ao sinalizar o trocadilho como uma ferramenta estudada, o autor faz com que possamos depreender também que temáticas como a da morte estariam em total diálogo com o riso e se encaixariam, por conseguinte, de modo exitoso para elaboração e realização através do humor.

A partir de estudos como esses, acreditamos que a obra do paraibano comporta singularmente o jogo com as palavras, bem como com os trocadilhos (que jogam com palavras ao apresentar sons semelhantes ou iguais, mas com significados diferentes) e que, com isso, possibilita a geração de equívocos, em sua maioria engraçados, dando, assim, margem a diversas interpretações. Tais interpretações são recorrentes em *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (2013), assim como os ditos populares: frases e expressões que carregam conhecimentos de geração para geração, e assim realizam os chistes, mesmo que sejam com temas categorizados enquanto tabu, como a morte.

5 RINDO DA MORTE

Em *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (2013), a presença do elemento medo/morte é trabalhada de forma humorística. A escolha linguística do poeta colabora para a construção do elemento morte de forma caricatural, ou seja, trata-se do uso do exagero para atribuir o humor, o cômico de modo irônico, a imagem dos personagens e as situações selecionadas pelo autor fazem com que a criança, aos poucos, conceba de uma maneira menos assustadora, e até lúdica, as histórias sobre perdas. Embora tenhamos a convicção de que não é fácil tratar da morte, que continua assustando, o autor, estando munido de todo um aparato de elementos técnico-composicionais, consegue ressignificar essa atmosfera que provoca medo.

André Ricardo encontrou no sombrio, ou melhor, fez dele um elemento a seu favor, para incitar a curiosidade ao nível máximo, potencializada, à medida em que reconfigura, reconta, ressignifica personagens, sentimentos e situações. Assim, ele faz com que o leitor possa entrar em contato com ferramentas pertencentes à poesia, a exemplo da musicalidade, do fantástico, do medo. Essas ferramentas da poesia são constituintes de uma atmosfera um tanto quanto sombria, que se reverte em leveza pela diversão, pelo riso, pelo humor. Por meio da leitura da obra em estudo, ativamos o imaginário, avivamos a curiosidade e descobrimos:

[...] outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É a possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro. (ABRAMOVICH, 2006, p. 17)

Nesse sentido, podemos sentir fortes emoções ao ouvir histórias que se desdobram em emoções importantes “como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais” (ABRAMOVICH, 2006, p. 17). Abramovich (2006, p. 64) também salienta que “nada como uma boa sacudidela criativa e cutucativa pra fazer sorrir, pensar, rir, perguntar, parar por um momento e dar conta de que o caminho poderia ser outro...”

Ainda seguindo a perspectiva elencada pela escritora infanto-juvenil, temos nas palavras de Abramovich (2006) que, ao sinalizar que é possível solucionar impasses, rever ideias e sorrir – são minúcias como essas que envolvem a escrita de André Aguiar. “Lua de coveiro” é o primeiro poema do livro e pode ser analisado como associação às fases da lua, em que a lua minguante representa o fim de um ciclo lunar para, na sequência, dar espaço à nova fase que se avizinha:

Lua de coveiro

Tem nada demais
Que a Lua vá minguar
no cemitério:
ela também não tem
onde cair morta.
(AGUIAR, 2013, p. 5)

Existe todo um misticismo sobre as fases lunares. Assim como a influência da lua sobre as marés, sobre o humor, e alguns de modo empírico utilizam o ciclo lunar para a agricultura. De acordo com algumas crenças, não se deve cortar o cabelo na lua minguante, caso contrário, retardará o seu crescimento. O poema “Lua de Coveiro” possui uma função mais lírica, não narrativa, mas ainda assim baseada em uma expressão muito

popular: “não ter onde cair morto”. Podemos perceber que se trata de um poema curto, composto por uma estrofe e cinco versos.

As fases da lua também podem ser associadas às fases da vida biológica: o nascer, crescer, reproduzir-se e morrer. O jogo de palavras entre minguar/minguante/cair morta remete ao mesmo tempo à lua e à ideia de morte. Outro ponto que chama atenção corresponde à personificação do satélite Lua como “indigente”, ao se referir “não tem onde cair morta”. *Tem nada de mais/ Que a Lua vá minguar no cemitério*: esses versos constroem um viés do gracioso, ao serem colocadas, lado a lado, as palavras *minguar* e *cemitério*, que retiram o tom rígido que circunda a atmosfera do ambiente onde repousam os que não mais estão entre nós, bem como o desfecho ao poema, dado através da palavra “*morta*”.

“O morto vivo”, oitavo poema da obra, discorre sobre a condição do morto vivo que, embora esteja morto, encontra-se “vivo”:

O morto vivo

Do lado de fora, não quis dizer “ó de casa!”
depois de tantas voltas
à procura da entrada
(e também solução).
Avistou o coveiro
bem ali no portão, não perdeu tempo
e disse:
- O senhor por favor
faça-me uma caridade, chame a minha família,
que deve estar mortinha, mortinha
de saudade.
(AGUIAR, 2013, p. 12)

“O morto vivo” é um poema narrativo cuja graça é a brincadeira com a expressão “estar morto de saudade”. Daí o uso do ambiente do cemitério, da personagem do coveiro e da família que já se encontrava do outro lado da vida. Esse poema mantém o mesmo padrão do poema anterior, no que se refere à construção das estrofes, sendo uma estrofe dividida em onze

versos. Nos versos seguintes, o poema discorre sobre o morto que ainda encontra-se “vivo” e, na sua condição, solicita ao cozeiro que o ajude a procurar a sua família, que deve estar “mortinha, mortinha de saudade”. Para Abramovich (2006), tratando de assuntos que se debruçam sobre a realidade, não é obrigatório que a linguagem utilizada pelo autor seja realista, mas pode trazer consigo uma linguagem dura, como também traços poéticos tristes ou divertidos.

O uso de trocadilhos no poema, com as expressões “morto vivo” e “mortinha de saudade”, colaboram para ressignificação de sentido, que, segundo Bergson (2018), traz a presença de uma interferência por meio de dois sistemas de ideias na mesma frase, que favorecem a criação de efeitos engraçados de forma abundante. Também é interessante mencionar a expressão popular “Ó de casa”! Esse chamamento (com efeito de vocativo), de linguagem coloquial, que costumeiramente pronunciamos, ao se fazer presente no texto, pode contribuir no sentido de aproximar o leitor. As expressões populares, ao serem retiradas da sua ordem comum e habitual, podem causar o inesperado, levando ao riso.

A presença das rimas entre os versos, por meio das palavras: “casa”, “entrada”; “solução”, “portão”; “caridade”, “saudade” e, ainda, o uso do diminutivo duplicado em “mortinha, mortinha” colabora para evidenciar um poema de cemitério com cuidado e leveza humorísticos nas construções sonoras.

Na sequência, o próximo poema também retoma a questão de estar vivo mesmo após a morte, a partir de trocadilhos.

Último conselho

Se for morar no cemitério
e não se der bem com os vizinhos,
relaxe
melhor fingir-se de morto
(AGUIAR, 2013, p. 22)

Em relação ao poema “Último conselho”, temos a composição de uma estrofe com quatro versos, sendo o poema mais curto. Nesse poema,

o “fingir-se de morto” recorre ao jogo de palavras, aconselhando que caso o sujeito venha estar na condição de morto, o melhor a fazer é se adaptar às novas condições. Desse modo, ao brincar com a linguagem ao dizer “melhor fingir-se de morto”, aponta para o “morto” ficar restrito à própria cova, isto é, no plano terrestre ao mesmo tempo que ameniza a finitude (da vida). Ao fazer o uso de trocadilhos com a palavra “morto”, que na condição de “morto” deve-se “fingir-se de morto”, atribui um novo sentido à locução, conduzindo, assim, o leitor ao riso.

Para tratar qualquer tema, conforme Abramovich (2006), é preciso estar atento às mudanças do mundo. Existem temas que à medida que os costumes evoluem deixam de ser polêmicos, enquanto outros irão surgindo aos poucos para se impor; porém, o assunto deve ser tratado de maneira que estimule, que incite a criança, independentemente das circunstâncias e das vivências em que ela se encontra, para que de fato haja o envolvimento com a leitura.

A maior parte dos poemas da obra em análise são curtos, esse aspecto também é importante para uma melhor realização do chiste, visto que, dos quatro poemas selecionados para a análise, três são de dimensão curta (“Lua de coveiro”, “O morto vivo” e “Último conselho”), pois, segundo Freud ([1905], 1995), o chiste está vinculado ao inconsciente, ao sonho, resultando em breve duração. Para ele, “Quanto mais leve a alteração - maior a impressão de que algo diferente está sendo dito pelas mesmas palavras -, melhor será o chiste tecnicamente [...] O chiste é, além do mais, um exemplo de ‘resposta pronta’ (FREUD, [1905] 1995, p. 23). Essa resposta pronta pode ser evidenciada nesses mesmos três poemas, e inclusive se inserirmos o quarto, mesmo sendo de uma dimensão maior, pois estão enviesados pela presença de expressão/dito popular, posto que esse elemento tanto contribui para o entendimento da situação criada pelo autor, ao mesmo tempo em que agora traz o riso por fazer desta uma nova situação.

É dentro desse grupo maior ao qual damos o nome chiste que adentramos e encontramos os trocadilhos, as expressões, os ditos em sua popularidade, os jogos de palavras, todos esses e outros que já sinalizamos

anteriormente, postos que, se bem utilizados, podem propiciar a alegria em seus mais diversos níveis, nas mais distintas histórias/narrativas com o dito espirituoso. O último poema selecionado para esta análise é composto por uma série de solicitações pós-morte.

Pedido

Se eu morrer um dia,
se minha sombra não tiver um corpo
para se escorar,
se eu tentar fazer barulho e só sair mímica,
se eu descobrir meu nome apagado,
e se eu me olhar no espelho e não me achar,
se um dia não precisar de maçaneta
pra ir de um cômodo a outro,
se eu passar pela cozinha e não sentir fome,
e se eu não tiver ouvidos para o telefone,
e pé e topada não se toparem,
e se a casa ficar assombrada com minha risada,
mesmo assim, a todo custo,
se eu conseguir chegar até você,
promete, jura que promete,
não levar um baita susto?
(AGUIAR, 2013, p. 29)

Nesse poema, encontramos questões que causam dúvidas, indagações, que caminham na incerteza sobre o que nos espera após a morte, quando descartarmos o corpo físico. A cada nova configuração de possibilidades que podem ocorrer na condição pós morte, marcada pela expressão “e se”, que se repete ao longo do poema, percebemos que há um jogo de palavras que tece uma sequência de ações construídas por meio de uma hipótese com emprego do modo subjuntivo, anunciando, assim, a ocorrência de um fato de ou evento incerto. Ao direcionarmos o olhar para esse efeito de repetição, constatamos que ele é um elemento-chave na poesia, pois concentra em si todo o peso da dúvida: “se”. A presença da

anáfora recebe relevância no poema, à medida em que o poeta acrescenta o condicionante “se” até a construção do possível “baita susto”.

Outro elemento presente a ser destacado é a indicação de um estado fantasmagórico, em que a comunicação com o além traz uma série de ações assombrosas para dar o teor da falta ou da presença, finalizando com um tom de brincadeira. Sabendo brincar astutamente com a linguagem, o humor leva o leitor a rir de tudo, inclusive da morte. O efeito produzido pelo humor (pelos recursos humorísticos, como os trocadilhos, os jogos de palavras) nos permite sentir o prazer de situações dolorosas da realidade humana. Desse modo, o leitor poderá se reconhecer, se divertir e imaginar novos cenários (humorados). Através do humor a criança poderá perceber o mundo e a vida de outra maneira. Ao refletirmos sobre essa figura da criança ao buscar entrar em contato com a literatura feita para sua faixa etária, teríamos que sinalizar a importância primeira da literatura, e a partir dessa, conseqüentemente, refletir para o infantil que pode trabalhar temas com o viés da morbidade, da morte em si, sendo que com uso de recursos linguísticos (jogos de palavras, anáforas e trocadilhos) promove outra perspectiva, e que, por conseguinte, possivelmente é isso o que Aguiar (2013) realiza. Ainda, ao buscar trazer a importância da literatura em sua essência para que essa infantil também seja constituída, temos nas palavras de Candido (1995) que

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 1995, p. 186)

Desse modo, em conformidade com o crítico anteriormente citado, acreditamos que, de fato, essa necessidade é tão significativa quando outras que nos auxiliam a (sobre)viver, e a seguir com o nível do imagético (da imaginação), da criatividade sem limites, e em pluralidade de sentidos. Tamanha é a importância da literatura infantil em sua singularidade, que, segundo Hunt (2010), nos deparamos com

A suposição de que a literatura infantil seja necessariamente inferior a outras literaturas [...] tanto em termos linguísticos como filosóficos, insustentável [...] supor que a literatura infantil seja de algum modo homogênea é subestimar sua diversidade e vitalidade. (HUNT, 2010 p. 48-49)

Com isso, para o pesquisador, a literatura infantil deve ser levada como objeto de estudo sério, com profissionalismo e comprometimento. Ou seja, tanto do ponto de vista da criação quanto dos estudos críticos, a literatura dirigida para as crianças deve receber atenção e cuidado tal qual a realizada para os jovens e também para os adultos, uma vez que:

Só porque o texto se destina a leitores supostamente “inocentes” não basta que ele seja em si mesmo inocente. Por conseguinte, questões fundamentais devem ser enfrentadas [...] A literatura infantil é diferente, mas não menor que as outras. (HUNT, 2010, p. 37)

É nessa direção que acreditamos que o paraibano em estudo consegue fazer uso dos recursos e faz sua literatura. Esta, por sua vez, em sua ampla e significativa dimensão, oferece para um público que é rotulado como/enquanto inocente, mas que, para além disso, é bastante exigente. Com isso, o autor consegue trabalhar um tema fraturante (como o da morte) e, por meio do trocadilho, da expressão popular, manuseia de modo salutar, construindo um humor, através do viés do dito espirituoso que os chistes possibilitam e, assim, realiza uma literatura que não causa medo, mas sim proporciona a leveza do riso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho teve como objetivo realizar uma análise de quatro poemas da obra *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (2013), do escritor André Ricardo Aguiar. Buscamos, a partir do *corpus* selecionado, demonstrar que por meio do humor é possível suavizar a temática da morte. A morte é um elemento universal que está presente no cotidiano das crianças,

por isso, consideramos a necessidade de trazeremos literaturas que venham a tratar deste tema, com o intuito de construir novos significados. Outro ponto é utilizar a literatura como instrumento para lidar com as perdas, ao oferecer estímulos à criança para que ela possa falar sobre a morte e melhor lidar com as suas experiências envolvendo perdas.

Podemos afirmar que a eficiência dos recursos linguísticos, a exemplo da anáfora e do paradoxo, presentes na construção os jogos de palavras, dos trocadilhos, ditos/expressões populares utilizados pelo poeta paraibano, auxiliam na discussão e na reflexão acerca da morte. Os recursos empregados na obra são habilmente dosados: o autor trata de forma lúdica um assunto sério, considerado tabu. Ao longo da análise dos quatro poemas, observamos como eles, cada um à sua maneira, conseguem provocar um olhar mais ameno sobre a morte. Assim, tem-se o deslocamento dos personagens de assombração, conhecidos universalmente, que saem de um cenário fantasmagórico e assombroso, para dar lugar ao novo, em que o riso se faz presente.

Acreditamos que, por meio desta pesquisa, estamos contribuindo para que a literatura realizada por paraibanos como André Aguiar seja conhecida e valorizada pelo seu caráter estético, pela linguagem, pelos recursos que o autor desenvolve. Também observamos o papel formador que a literatura cumpre na construção do indivíduo, ao trabalhar com temas difíceis, como a morte. Desse modo, enxergamos que a literatura tem que ser pensada para provocar, para aguçar a curiosidade da criança, além de gerar o estímulo à leitura, e nisto reside o desígnio do texto que deve ser elemento para a construção do ser leitor.

THE RESIGNIFICATION OF DEATH BY HUMOR IN *DISAPPEARANCE TEA AND OTHER HAUNTED POEMS*, BY ANDRÉ RICARDO AGUIAR

ABSTRACT

This study aims to analyze the presence of death in four poems written by André Ricardo Aguiar in the book *Disappearance Tea and Other Haunted Poems*. In this sense, an analysis was carried out on the elements that involve fear with the use of

the humorous resource. For support the analysis, texts by Freud ([1905] 1995), Todorov (1980), Travaglia (1992, 1980), Candido (1995), Hunt (2010), among others are used. As a result, we observe that in André Ricardo Aguiar's poetry there is a process of resignification that takes place through an elaborate work which points to a refined humor.

KEYWORDS: Children's literature; André Ricardo Aguiar; Disappearance Tea and Other Haunted Poems; Humor.

LA RESIGNIFICACIÓN DE LA MUERTE POR EL HUMOR EN *TÉ QUE SE DESVANECE Y OTROS POEMAS EMBRUJADOS*, POR ANDRÉ RICARDO AGUIAR

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar la presencia de la muerte en cuatro poemas de la obra *Té que se desvanece y otros poemas embrujados* de André Ricardo Aguiar. En este sentido, se realizó un análisis sobre los elementos que involucran el miedo con el uso del humor y el disparate. Para apoyar el análisis se utilizan textos de Freud ([1905] 1995), Todorov (1980), Travaglia (1992, 1980), Candido (1995), Hunt (2010), entre otros. Como resultado, observamos que en la poesía de André Ricardo Aguiar hay un proceso de resignificación que se da a través de una obra elaborada que apunta a un humor refinado.

PALABRAS-CLAVE: Literatura infantil; André Ricardo Aguiar; *Té que se desvanece y otros poemas embrujados*; Humor.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2006.

AGUIAR, André Ricardo. *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre a significação do cômico*. Tradução de Maria Adriana Camargo Cappello São Paulo: Edipro, 2018.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CORREIA, Maria do Rosário Ribeiro. *A Morte na Literatura Infanto-Juvenil: da análise de obras literárias ao incentivo da Leitura desta problemática na “Hora do Conto” da Biblioteca Escolar*. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Bibliotecas) – Departamento de Ciências da Educação e Património, Universidade Portucalense, Porto, 2013.

EAGLETON, Terry. *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. Tradução de Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FREUD, S. (1905) *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. VII. Tradução de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LOTTERMANN, Clarice. Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira. In: ANAIS do SILEL, 1, 2009, Uberlândia. Uberlândia: Edufu, 2009. p. 1-10.

MARANHÃO, José Luís de Souza. *O que é morte*. São Paulo: Melhoramentos, 1985.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MENDES, Teresa de Lurdes Frutuoso. A morte dos avós na literatura infantil: análise de três álbuns ilustrados. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1113-1127, 2013.

QUESADO, Susana. O outro lado do espelho: a morte nos contos de literatura infantojuvenil. In: INVESTIGAR, inovar e desenvolver – Desafios das ciências da educação: atas do XI Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2011, p. 5-5.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Homonímia, mundos textuais e humor. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 41-50, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Recursos lingüísticos e discursivos do humor: humor e classe social na televisão brasileira. In: *XXXVI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*, 1989, São Paulo. Estudos Lingüísticos - XVIII anais de seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. Lorena: Prefeitura Municipal de Lorena / GEL-SP, 1989. v. XVIII. p. 670-677.

Submetido em 07 de setembro de 2022

Aceito em 01 de janeiro de 2023

Publicado em 24 de setembro de 2023
